

O ENSINO CRÍTICO DA CIDADE NAS AULAS DE GEOGRAFIA A PARTIR DE GEOTECNOLOGIAS

THE CRITICAL TEACHING OF THE CITY IN GEOGRAPHY CLASSES BASED ON GEOTECHNOLOGIES

Gabriel Martins de Queiroz Sampaio¹
Diego Corrêa Maia¹

¹ Universidade Estadual Paulista (UNESP), Rio Claro, SP, Brasil

Resumo

O tema cidade está presente nas aulas de Geografia em todas as etapas escolares do Ensino Fundamental II e do Ensino Médio. As experiências cotidianas dos estudantes ocorrem em sua maioria nesse espaço formal. No entanto, a partir de uma Análise de Conteúdo realizada no Currículo Paulista, nota-se uma ausência de reflexão crítica e aprofundamento ao abordar esse conteúdo escolar. O presente trabalho busca discutir como as imagens 360° do *Google Street View* podem auxiliar na leitura crítica da cidade, no raciocínio geográfico sobre o espaço urbano e na compreensão de conceitos espaciais, tais como, a fragmentação socioespacial. Como exemplo, foram utilizadas imagens da Praça Princesa Isabel em São Paulo (SP) e foi proposta uma sequência didática utilizando imagens das cidades de São Caetano do Sul e São Paulo. Por fim, constata-se que a elaboração de atividades com a ferramenta se mostrou efetivo para um ensino de cidade mais crítico e significativo.

Palavras-chave: Ensino da Cidade; Geografia Urbana; Ensino de Geografia; Google Street View.

Abstract

The theme "City" is present in Geography classes at all levels of Elementary School II and High School. Most of the students' daily experiences are in this space. However, based on a Content Analysis carried out in the São Paulo Curriculum, there is a lack of critical thinking and depth when working with this school content. This paper aims to discuss how 360° images from Google Street View can help in the critical reading of the city, in geographic reasoning about urban space and in the understanding of concepts such as socio-spatial fragmentation. As an example, images of Praça Princesa Isabel in São Paulo (SP) were used and a didactic sequence was also proposed using images of São Caetano do Sul and São Paulo as examples. Finally, the development of activities with the tool was proved to be successful for a more critical and meaningful teaching of the city.

Keywords: Teaching the city; Urban Geography; Teaching Geography; Google Street View.

Recebido em: 18/09/2024 | 10/10/2025

Correspondência para: Gabriel Martins de Queiroz Sampaio (gm.queiroz@unesp.br)

INTRODUÇÃO

A cidade é, por excelência, a porção do espaço geográfico em que a maior parte dos brasileiros vive as suas vidas. É inadmissível que o tema cidade no Currículo Paulista seja tratado como um elemento secundário, desprovido de dinâmicas e dissociado do cotidiano dos estudantes. Este trabalho resulta das discussões, leituras e estudos desenvolvidos na minha investigação de mestrado, que tem como objetivo pesquisar como o tema cidade vem sendo ensinado nas escolas públicas do estado de São Paulo, com destaque para os Anos Finais do Ensino Fundamental. Para isso, foram realizadas entrevistas com professores atuantes e analisado o Currículo Paulista ancorado na Análise de Conteúdo de Bardin (2016).

Embora o foco deste estudo seja o Currículo Paulista, é importante destacar que o documento estadual foi elaborado alinhado às diretrizes e competências definidas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Assim, as lacunas e orientações identificadas no Currículo Paulista, seja em termos de ênfase temática, organização por competências ou





formas de abordagem do espaço urbano, reverberam em nível nacional na medida em que o currículo estadual operacionaliza e particulariza a BNCC para o contexto paulista. Por isso, a reflexão aqui desenvolvida sobre o tratamento do tema “cidade” no Currículo Paulista apresenta implicações que também se aplicam, em caráter analítico, às orientações e prioridades da BNCC.

A partir da vivência como professor de Geografia no ensino básico, percebi que as poucas aulas dedicadas ao estudo do espaço urbano chamam muita atenção dos estudantes. Relatos de viagens, experiências cotidianas, imagens e vídeos de lugares de interesse dos alunos, costumam trazer valiosas contribuições para o processo de ensino-aprendizagem e para a leitura do mundo. Durante entrevistas realizadas no âmbito da pesquisa de mestrado, um professor afirmou: *“Falar da cidade é falar de si mesmo, é falar da sua história, de onde você vive, para onde você quer ir, da sua condição de vida. Envolve o passado, o presente e o futuro, envolve os problemas que os alunos lidam e enxergam”* (João, nota de campo, 2023).

É sabido que os materiais didáticos tecnicistas, normas verticais e currículos engessados prejudicam e muitas vezes inviabilizam a construção de uma interpretação crítica dos conteúdos. Os livros didáticos, por exemplo, costumam apresentar informações dissociadas da vivência dos estudantes, recorrendo a exemplos estereotipados que abordam a temática urbana quase sempre a partir das grandes metrópoles, privilegiando dados demográficos e econômicos ou mostrando cidades estrangeiras. Essa abordagem constrói uma espécie de “geografia das metrópoles”, que apresenta a cidade de fora para dentro, como um objeto estático, centrado em números e indicadores, sem considerar as dinâmicas, os processos internos e as contradições desses espaços. Para provocar os alunos a pensar e refletir, os professores muitas vezes precisam atuar nas “brechas” do sistema, o que exige investir tempo adicional para pesquisar materiais complementares, selecionar textos que favoreçam o debate em sala e buscar recursos externos, como a ferramenta *Street View*. Esse esforço representa uma forma de resistência pedagógica, pois nem sempre é viável diante das condições de trabalho impostas e da sobrecarga docente. Nesse contexto, o uso do *Street View* torna-se um recurso didático relevante para aproximar o conteúdo do cotidiano dos alunos e fomentar discussões mais significativas sobre a cidade.

Sempre que o projetor e o *Street View* são iniciados, é notória a empolgação dos estudantes nesta atividade. Afinal, é grande parte do planeta mapeada para todos os ângulos, possibilitando visualizações dos mais diferentes locais. Curiosamente, grande parte da sala sempre pede para visualizar a sua própria residência dentro da ferramenta, ver se ela está mesmo registrada, observar como era no passado e procurar “por si mesmo” dentro do mapa.

É a partir da investigação do mestrado e dessas experiências ensinando sobre a cidade com o *Google Street View* que surgiu a ideia de elaborar este presente artigo. É preciso mostrar para o aluno que a cidade é fragmentada, resultado de um processo histórico e socialmente produzido. A cidade não é dada, não é realidade acabada, mas produzida por intencionalidades de diferentes sujeitos históricos. Em sala de aula é recomendado utilizar as imagens da própria cidade dos estudantes como ponto de partida. Para exemplificar o que se busca defender neste trabalho, as imagens selecionadas foram da Praça Princesa Isabel no centro de São Paulo (SP) e essa escolha resultou de uma exploração virtual livre e pessoal realizada durante a pesquisa sobre a Cracolândia.

Dessa forma, o presente trabalho está ancorado tanto em autores que debatem o espaço urbano de forma crítica, tais como, Corrêa (1989); Carlos (2009); Legroux, (2021); Serpa, (2018) e Spósito e Spósito (2020), como também nos pesquisadores que já se dedicaram a relacionar Geografia com ensino e cidade e alguns até mesmo com o *Street View*, como



Cavalcanti, (2011); Meneguette, (2014); Freisleben, (2014) e Gomes e Trindade, (2020). Acredita-se que o *Street View* pode servir como dispositivo didático para demonstrar as contradições das cidades produzidas pelo capitalismo neoliberal. Para que haja mobilização contra as injustiças inerentes ao sistema capitalista, é necessário desenvolver consciência da própria condição dentro do sistema e do funcionamento do sistema como um todo.

A CIDADE NEOLIBERAL E A FRAGMENTAÇÃO SOCIOESPACIAL

O termo fragmentação foi utilizado de diferentes formas ao longo do tempo, sendo uma palavra polissêmica e multidimensional. Desde 1970, o termo aparece nas discussões sobre os espaços urbanos, auxiliando a compreensão de diversos processos e estruturas nas cidades. No entanto, é necessário realizar uma melhor sistematização do conceito, para que ele integre tanto o ensino da cidade como a análise do espaço urbano (Sposito e Sposito, 2020).

A fragmentação socioespacial, a partir dos estudos de Sposito e Sposito (2020), deve ser entendida como um processo. A fragmentação tem uma dupla determinação e expressão, sendo espacial e social, não apenas do ponto de vista material, como também em sua dimensão simbólica e abstrata, que torna visíveis as formas de separação da cidade. Esse processo está presente tanto em metrópoles quanto em cidades médias e pequenas, como se observa em exemplos de bairros planejados que isolam a população de baixa renda ou em áreas com arquitetura hostil que dificulta a circulação de determinados grupos. Ou seja, a fragmentação possui dupla determinação (social e espacial) e expressão (material e simbólica) e é constituída por movimentos dialéticos, reforçando a ideia de processo. No contexto do ensino de Geografia, discutir a fragmentação socioespacial, permite que os estudantes analisem criticamente a produção das cidades e reconheçam as desigualdades presentes no espaço urbano, relacionando teoria e realidade local.

A fragmentação socioespacial, a partir do referencial teórico adotado (Sposito e Sposito, 2020; Legroux, 2021; Serpa, 2018), é um processo próprio da urbanização contemporânea, não se aplicando a períodos anteriores da vida urbana. O atual momento é marcado pelo aprofundamento das políticas neoliberais, entendido como um processo que “erode as bases da solidariedade do compartilhamento e da coletividade, ao se sustentar em aspectos como a competição e a individualidade” (Dardot e Laval, 2016, p. 8). Essa lógica neoliberal se manifesta, por exemplo, na expansão de condomínios fechados, na segregação de serviços urbanos e na diferenciação dos transportes públicos e privados, ampliando a exclusão social no espaço urbano. Outro destaque diz respeito à especificidade desse processo nos países da periferia do capitalismo, territórios em que o aprofundamento das desigualdades produz formas de fragmentação distintas em comparação com os países centrais.

O conceito de fragmentação socioespacial pode ser entendido como uma articulação entre diversos outros conceitos que remetem à perda da unidade no ambiente urbano, como segregação socioespacial, dualização, policentralidade, autossegregação, periferação e polarização. Legroux (2021, p. 239) destaca que a fragmentação “[...] expressa, assim, uma intensificação e uma complexificação de diversos processos, alguns mais antigos, outros mais recentes”. Em suma, o conceito de fragmentação socioespacial não nega os outros conceitos; ao contrário, integra-os à análise, permitindo compreender, por exemplo, como áreas industriais abandonadas se tornam polos de desigualdade ou como bairros periféricos se isolam fisicamente do centro urbano. Esse entendimento pode ser explorado em sala de aula, por meio de estudos de caso, análise de mapas e expedições virtuais de aprendizagem pelo



Street View, incentivando os estudantes a refletirem sobre os efeitos das políticas urbanas e do planejamento da cidade em diferentes grupos sociais.

Sposito e Sposito (2020) destacam a necessidade de pesquisas que empiricizem o conceito de fragmentação socioespacial a partir da perspectiva da periferia do capitalismo. As preocupações em torno da realidade urbana brasileira podem apontar para um aprofundamento do conceito e trazer um novo entendimento sobre a diversidade das cidades. Os autores sugerem cinco dimensões empíricas para orientar as investigações: 1) habitar; 2) trabalhar; 3) consumir; 4) circular; e 5) lazer. Essas dimensões podem ser analisadas, por exemplo, observando-se as diferenças de acesso a transporte, comércio, áreas de lazer e oportunidades de emprego entre diferentes bairros de uma mesma cidade.

Legroux (2021) destaca que, para entender os processos de fragmentação socioespacial, é necessário compreender o que ocupa a maior parte do tempo dos indivíduos no recorte analisado. As categorias de moradia, trabalho, consumo, mobilidade e lazer constituem-se, assim, como um método próprio para analisar esse processo. Em Lefebvre ([1968]/1991), o cotidiano urbano fragmentado nega as possibilidades libertadoras do urbano, tornando evidente, por exemplo, como práticas de exclusão em espaços públicos, como praças ou calçadas, reproduzem desigualdades.

Nesse sentido, é interessante que as pesquisas relacionadas a essa temática sejam orientadas por alguns objetivos, como analisar a transição da lógica centro-periferia para a lógica socioespacial fragmentária, interpretar a fragmentação socioespacial a partir de práticas associadas ao cotidiano e não apenas às formas materiais, compreender os desdobramentos por meio das interações entre espaços públicos e privados e, por fim, identificar e analisar os agentes que produzem a cidade e estão submersos nessa lógica (Sposito e Sposito, 2020). A observação de casos concretos, como áreas com arquitetura hostil, segregação de transporte ou condomínios fechados, permite conectar os conceitos à realidade urbana, fortalecendo a compreensão das dinâmicas de exclusão e desigualdade nas cidades contemporâneas. Além disso, essas análises podem servir como base para atividades pedagógicas, permitindo que os alunos reconheçam a relação entre estruturas urbanas e desigualdades sociais, fortalecendo o desenvolvimento do raciocínio espacial e crítico nas aulas de Geografia.

O GOOGLE STREET VIEW E O PENSAMENTO GEOGRÁFICO SOBRE A CIDADE

O “*Street View*” é uma ferramenta desenvolvida pela Google a partir de 2004, no qual disponibiliza imagens em 360° de diversas localidades ao redor do mundo. Ao todo já foram capturadas mais de 220 bilhões de imagens em mais de 100 países, tanto por carro como por veículos alternativos visando imagear rotas específicas através de triciclos, motoneves e submarinos. É possível, também, visualizar as imagens com óculos de realidade virtual - RV (Google, 2022).

Por meio do *Street View*, o usuário consegue não apenas caminhar por todas essas localidades com visão 360°, como também alterar a data em que deseja visitar. Por exemplo, nesta investigação, foram utilizadas as imagens da Praça Princesa Isabel de janeiro de 2010, abril de 2019, março de 2021, setembro de 2021, maio de 2022 e janeiro de 2024, totalizando 6 imagens do equipamento público. Isso significa que para além da visualização da paisagem urbana, também é possível perceber as mudanças do espaço geográfico ao longo do tempo.

É válido destacar a utilização da ferramenta não apenas para fins recreativos, mas para realização de investigações acadêmicas. Pesquisadores de diversas áreas do mundo utilizam o recurso para levantar dados sobre a realidade, como na área criminológica (Vandeviver, 2014);



na construção de modelos 3D (Torli, Havlena e Pajdla, 2009); na pesquisa sobre saúde (Rzotkiewicz, Pearson e Dougherty, 2018); e em testes de ferramentas que relacionam o ambiente com atividade física, entre outros (Griew *et al.*, 2013).

No tangente à sala de aula, o *Street View* é ainda mais poderoso, uma vez que a ferramenta é gratuita e não necessita de *download*, podendo ser acessada mesmo em computadores simples e em dispositivos móveis, como celulares, *tablets* e *notebooks*. Diversos são os estudos (Meneguetto, 2014; Freisleben, 2014; Santos, 2015 e Gomes e Trindade, 2020) que mostram o seu potencial de utilização em sala de aula nos mais diversos componentes curriculares do ensino básico. A Geografia por sua vez, não possui tantos estudos relacionados ao *Street View* e menos ainda sobre o ensino crítico da cidade a partir da ferramenta.

A análise recente do ensino da cidade nas aulas de Geografia no estado de São Paulo, Sampaio (2023) aponta que embora os termos “cidade” e “urbano” apareçam com certa frequência no currículo, pouco são apresentados como espaços complexos, multifacetados, heterogêneos e fragmentados, dificultando o desenvolvimento de uma leitura crítica da cidade em sala de aula. Entender a cidade como um campo de lutas de diversos agentes sociais (Corrêa, 1989) e repleto de intencionalidades, amplia as possibilidades de usufruto desses espaços, bem como a participação nos movimentos sociais e na gestão urbana.

Embora Cavalcanti (2011) defenda que cada vez mais os conceitos de espaço urbano e cidade têm ganhado espaço no ensino de Geografia, percebe-se que ao menos no território paulista, como supracitado em Sampaio (2023), isso se realiza de forma precária. É necessário um movimento e esforço maior para que essa temática seja trabalhada não pelo enfoque tradicional, mas sim por uma visão crítica que busque relacionar as aulas com o cotidiano dos alunos e na formação conceitos geográficos. A formação de conceitos permite que os alunos realizem generalizações acerca de suas realidades locais a partir do conteúdo das aulas, refletindo sobre os seus espaços.

Cavalcanti (2011, p. 6) defende que “o lugar deve ser referência constante, para que o estudante construa seu conhecimento a partir da sua interação com a realidade mediada por instrumentos simbólicos”. Nesse sentido, a cidade pode ser vista como lugar, uma vez que é um espaço onde se produz práticas sociais cotidianas. A cidade fragmentada é frequentemente vivenciada pelos estudantes, seja no transporte público, nos momentos de lazer, no trajeto até a escola ou em outros momentos cotidianos.

O *Street View* pode ser utilizado para compreender os “sintomas” dessa cidade fragmentada. É possível comparar imagens de dois momentos e perceber processos de higienização, revitalização ou *gourmetização* dos espaços, assim como o surgimento de espaços de arquitetura hostil nos últimos anos. Não é difícil navegar entre diferentes imagens e notar o aumento do surgimento de muros, condomínios fechados, grades, espinhos, bancos que não permitem o descanso e demais objetos aporofóbicos.

Como o veículo do *Google* transita com certa periodicidade pelos espaços, as imagens também registram os movimentos e transformações do espaço geográfico. As “viaturas da nova cidade” como tratores esteira, retroescavadeiras e os materiais de construção são presentes em muitas imagens. As demolições de imóveis simples para construção de empreendimentos, a remoção de barracas e autoconstruções em dinâmicas de revitalização que expulsam a população mais socioeconomicamente vulnerável de seus espaços também são encontradas nas imagens.

A Geografia é uma forma de pensar, uma forma original de produzir conhecimento. A especificidade da Geografia justifica a sua permanência como componente curricular



obrigatório nas escolas, isto é, a Geografia tem um compromisso de produzir uma cosmovisão. As perguntas que a ciência geográfica faz para o seu objeto de estudo revelam que a ordem do espaço não é casual, natural ou neutra, pelo contrário, é subjetiva, social e historicamente produzida (Cavalcanti, 2019).

Cavalcanti (2019) destaca que o pensamento geográfico é construído pela interrogação sobre as razões que explicam a distribuição dos objetos no espaço e sobre as suas significações e consequências de tal organização. Gomes (2017) afirma que o pensamento geográfico possui uma pergunta fundadora: “por que isso está onde está?”. A partir desse questionamento espacial, são invocadas outras categorias e possibilidades de reflexão sobre a realidade. A indagação desnaturaliza o espaço geográfico, desvenda as máscaras sociais (Moreira, 1982) e mostra as intencionalidades do espaço.

Em sala de aula o *Street View* pode funcionar para “desnaturalizar” o espaço urbano. Os alunos muitas vezes entendem a cidade como uma realidade dada, um espaço estático e enquanto sujeitos, não possuem capacidade de intervenção. O currículo (ao menos o do estado de São Paulo) embora evoque frequentemente o tema cidade, raras são as vezes que o mesmo é tratado de forma crítica ou reflexiva.

Para ilustrar esse processo, foram analisados por meio da metodologia da Análise de Conteúdo (Bardin, 2016), *dois volumes do Caderno do Professor* disponibilizado em 2022 pelo Programa Currículo Paulista do Governo do estado de São Paulo, referente aos Anos Finais do Ensino Fundamental. O objetivo é verificar como o tema cidade está sendo apresentado para os quatro anos finais (6º ao 9º) do ensino fundamental no Estado de São Paulo. No entanto, para o presente trabalho, o que vale destacar é a frequência e a forma com que o tema cidade é apresentado.

O Caderno do Professor foi escolhido para ser analisado, pois nele contém todas as Situações de Aprendizagem (S.A.) que serão propostas durante as aulas na rede paulista. Constatou-se que durante os quatro anos analisados, o tema cidade (a unidade de registro adotada na metodologia) aparece 122 vezes. Foram criadas duas grandes categorias para que a análise seja realizada:

- 1) **Concepção Tradicional de cidade:** relacionada ao contexto brasileiro de pouca democracia entre o Estado Novo e Ditadura Militar, ao ensino enciclopédico, a influência lablachiana de “ciência neutra” e ao urbanismo operatório que entende a cidade apenas como forma e função. O tema cidade aqui não permite reflexões ou críticas, há um afastamento do conteúdo e do aluno. Para ilustrar os conteúdos são utilizadas imagens de cidades estrangeiras como Paris ou Nova Iorque;
- 2) **Concepção Crítica de cidade:** relacionada ao contexto brasileiro de redemocratização, a constituição de 1988, a uma influência marxista e de pedagogias progressistas como a libertadora e crítica social. Influência geográfica de Henry Lefebvre (1968), compreendendo a cidade como um espaço historicamente produzido, em disputa, fragmentado, coletivo, aberto e inconcluso. O tema cidade aqui permite reflexões críticas, questionamentos e dúvidas sobre a produção do espaço urbano.

De todas as 122 vezes em que o tema cidade aparece, 116 vezes (95.08%) é associado a categoria de concepção tradicional e apenas 6 vezes (4.92%) relacionado com a concepção crítica. É nesse ponto que se acredita que o *Street View* possa funcionar na “desnaturalização”



do espaço urbano. A Praça Princesa Isabel, na região central da cidade de São Paulo, é um bom exemplo para ilustrar essa possibilidade.

A LEITURA CRÍTICA DA CIDADE PELO *STREET VIEW*: A PRAÇA PRINCESA ISABEL EM SÃO PAULO (SP)

As diferentes paisagens urbanas presentes na metrópole de São Paulo podem assustar ou encantar observadores. A Praça Princesa Isabel evidencia como a fragmentação socioespacial da cidade “salta aos olhos”: a convivência entre grandes prédios de luxo, construções irregulares, elementos de arquitetura hostil e aporofóbica, carros esportivos circulando próximos a pessoas em situação de rua, compondo um ritmo urbano acelerado e desigual, fruto da reprodução do capital. As transformações ocorridas nesse espaço ilustram de maneira concreta esse processo na cidade.

Carlos (2009) destaca que o modo como ocorreu o processo de industrialização em São Paulo provocou uma urbanização intensamente desigual, criando rupturas entre centro e periferia e deixando marcas duradouras na paisagem urbana. A urbanização se deu como uma explosão da cidade, abrigando a classe trabalhadora em imensas periferias sem infraestrutura. Esse padrão resultou em uma cidade marcada pela fragmentação socioespacial, na qual grande parte da população vive em áreas carentes de equipamentos urbanos, enquanto áreas centrais foram ressignificadas por interesses do capital imobiliário.

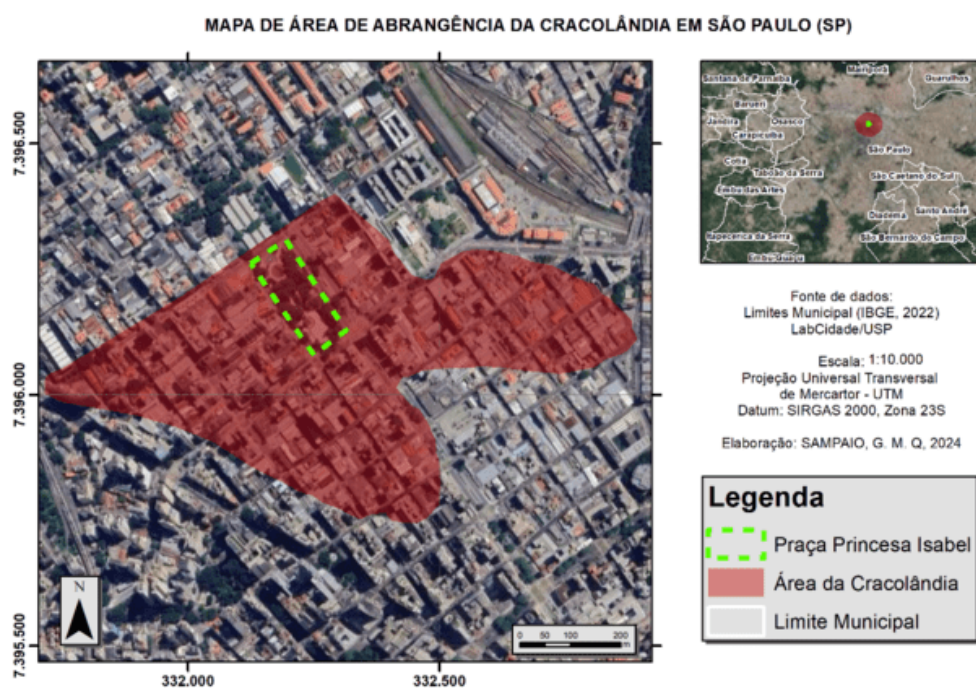
A dinâmica contemporânea da Praça Princesa Isabel não pode ser compreendida sem considerar a chamada “Cracolândia”, cuja formação está ligada a processos históricos de exclusão social e ao déficit de políticas públicas. As primeiras aparições do termo na imprensa paulistana ocorreram em O Estado de S. Paulo (1995) e na Folha de S. Paulo (1996), ambas utilizando a expressão “conhecida como Cracolândia”, indicando que já circulava no imaginário urbano (Rui, 2016). A mídia contribuiu para cristalizar a associação do espaço ao consumo de drogas, reforçando estigmas e dificultando a compreensão do problema como questão de saúde pública e de desigualdade urbana.

A Cracolândia não corresponde a um espaço fixo. Apesar de recentemente aparecer demarcada como bairro no *Google Maps*, seu território é móvel e se desloca conforme as operações policiais, algo perceptível nas imagens do *Street View*. Estudos históricos (Santos apud Melo e Rivielli, 2023) revelam que o uso de drogas no local está relacionado à ausência de políticas públicas, ao racismo estrutural e à violência, compondo trajetórias de abandono familiar e estatal.

A Praça Princesa Isabel, inserida nesse contexto (Figura 1), é um marco histórico da cidade de São Paulo, situada na confluência das avenidas Duque de Caxias e Rio Branco. Na imagem do *Street View* de janeiro de 2010 (Figura 2) observa-se a praça em bom estado de conservação e com pouca presença de pessoas, expressando um espaço público aparentemente ordenado, mas já cercado por um centro urbano desigual.



Figura 1 – Mapa de área de abrangência da Cracolândia em São Paulo (SP) nos entornos da Praça Princesa Isabel



Fonte: Elaboração própria (2024)

Figura 2 – Praça Princesa Isabel em Janeiro de 2010



Fonte: Google Street View (2024)



Em abril de 2019 (Figura 3), nota-se a presença de uma base da Polícia Militar e uma abordagem policial registrada em plena luz do dia. A inserção de equipamentos de controle e vigilância antecipa a intensificação das políticas de “higienização” urbana, alinhadas às operações policiais iniciadas em 2017 no governo João Doria, que chegou a anunciar que “a Cracolândia acabou”.

Figura 3 – Praça Princesa Isabel em Abril de 2019



Fonte: *Google Street View* (2024)

A imagem de março de 2021 (Figura 4) revela uma mudança expressiva na paisagem: a praça torna-se espaço de abrigo de barracas, mesas improvisadas e sinais de desgaste da vegetação. Essa ocupação demonstra como a fragmentação socioespacial se materializa: grupos em situação de vulnerabilidade ocupam o espaço central após serem removidos de outros locais, como a Praça Júlio Prestes, em consequência das operações policiais. A cobertura midiática reforça o estigma ao chamar a área de “Nova Cracolândia”. Diversas outras operações policiais foram realizadas na Praça Princesa Isabel a partir de então, sempre de forma “truculenta” e prendendo centenas de pessoas, todas amplamente divulgadas pela mídia tradicional

Na imagem de setembro de 2021 (Figura 5), percebe-se o maior número de moradias improvisadas registrado pelo Street View, evidenciando a precarização do espaço público e a ausência de políticas habitacionais adequadas. Conforme Robaina (2018), a população em situação de rua apresenta caráter flutuante, mas predominam homens adultos, como também se observa nesse caso.

Em maio de 2022 (Figura 6), iniciam-se as obras de revitalização e a praça passa a ser convertida em “Parque Princesa Isabel”. As imagens mostram máquinas de construção e a remoção da população em situação de rua. Essa retirada, longe de resolver o problema, desloca pessoas para outras regiões da cidade, revelando a lógica de circulação compulsória que atinge as camadas mais vulneráveis (Robaina, 2018).



Figura 4 – Praça Princesa Isabel em Março de 2021



Fonte: *Google Street View* (2024)

Figura 5 – Praça Princesa Isabel em Setembro de 2021



Fonte: *Google Street View* (2024)



Figura 6 – Praça Princesa Isabel em Maio de 2022



Fonte: Google Street View (2024)

O padre Júlio Lancelotti (2023, p. 533) criticou o caráter segregacionista e aporofóbico da obra, destacando a política de “praças cercadas” e o uso de grades como símbolo de exclusão:

Imaginem o que está acontecendo agora aqui em São Paulo, a Praça Princesa Isabel tem dezesseis mil metros quadrados e a prefeitura conseguiu passar agora um projeto de lei, com urgência máxima, na Câmara Municipal, transformando essa praça em parque, e a própria Secretaria do Verde e do Meio Ambiente, tem um conceito de parque que não cabe na Praça Princesa Isabel. Mas, o prefeito conseguiu passar esse projeto tendo maioria na câmara, para cercar a praça. Então nós estamos vivendo um fenômeno de praças cercadas, debaixo de viadutos cercados, e isso é um simbolismo, porque o grupo chamado lá de “Cracolândia”, dos dependentes químicos, ficaram um tempo na praça Princesa Isabel. E aí as pessoas falam para mim: “ah, mas é porque você quer que eles fiquem na praça?” Não. Eu gostaria que eles tivessem onde morar. Porque uma coisa é certa, nem todo dependente químico está em situação de rua e nem toda pessoa em situação de rua é dependente químico. Inclusive, tem muitos dependentes químicos nos condomínios, mas que ninguém os vê e aqueles que estão na praça todo mundo vê, então eles é que são, vamos dizer assim, criminalizados e atingidos por esta política de segregação. Nós estamos vivendo uma política de segregação por classe social, por questão social, por questão de fenômenos – como a dependência química – que são de saúde pública.

A penúltima imagem (Figura 7) retrata a praça já em janeiro de 2024, reformada e nomeada agora como Parque Princesa Isabel. Lancelotti (2023, p. 533) destaca esse caso referindo-se as grades:



Desse modo, veja, nesse caso específico da Praça Princesa Isabel, não sei se vocês têm em mente como é essa praça, vocês já viram alguma fotografia dessa praça? Eu até fiz uma ironia sobre essa praça, porque ela se chama Princesa Isabel e ela vai ser gradeada por todos os lados. Falei: a Princesa Isabel ia gostar, né? De todas essas grades.

Esse tipo de intervenção evidencia a chamada arquitetura hostil, caracterizada pelo uso de barreiras físicas e elementos que restringem ou desestimulam a permanência de determinados grupos sociais no espaço público. Tais práticas funcionam como uma “limpeza social”, entendida por Silva (2017, p. 35) como a realocação forçada de sujeitos socialmente indesejáveis, frequentemente das camadas mais pobres. Ao transformar uma praça histórica em parque gradeado, o poder público reconfigura o espaço urbano não apenas em seu aspecto material, mas também simbólico, reforçando desigualdades e intensificando a fragmentação socioespacial ao excluir os mais vulneráveis do convívio urbano.

Figura 7 – Praça Princesa Isabel em Janeiro de 2024



Fonte: *Google Street View* (2024)

Por fim, a última imagem, já de Junho de 2025 (Figura 8), mostra a Praça Princesa Isabel totalmente cercada por grades e a presença de um micro-ônibus da Inspetoria de Operações Especiais (IOPE) da Guarda Civil Metropolitana, o que reforça o processo de securitização e controle do espaço público. A presença ostensiva desse aparato policial especializado, destinado a atuar em ocorrências de maior complexidade, evidencia que a praça deixou de ser tratada como um espaço de convivência e lazer para ser concebida como um território a ser vigiado e disciplinado. A captura desse momento pelo *Street View* torna-se, portanto, um material pedagógico valioso para problematizar a relação entre políticas urbanas, práticas de segurança e a intensificação da fragmentação socioespacial no coração da metrópole paulistana.



Figura 8 – Praça Princesa Isabel em Junho de 2025



Fonte: Google *Street View* (2025)

Em síntese, a transformação da Praça Princesa Isabel em um parque cercado, reformado e qualificado conforme as imagens recentes evidencia como as intervenções urbanas incorporam arquitetura hostil, tanto em seus dispositivos materiais, como grades, barreiras físicas e controle de acessos, quanto simbólicos, como a exclusão visível de pessoas em situação de rua e os estigmas públicos. Essas intervenções não ocorrem isoladamente, pois dialogam diretamente com políticas repressivas ligadas à Cracolândia, deslocamentos compulsórios e discursos policiais e midiáticos sobre segurança urbana, produzindo efeitos concretos de exclusão e segregação socioespacial.

A potencialidade do *Street View* torna-se especialmente relevante nesse contexto, pois a ferramenta permite reconstruir passo a passo a evolução da paisagem urbana, desde o estado de conservação da praça, sua apropriação por diferentes grupos, até a presença de ocupações irregulares e, por fim, a intervenção do poder público com obras e cercamentos. Isso oferece uma base empírica concreta para articular teoria e realidade local. Os estudantes podem enxergar como a fragmentação socioespacial se manifesta materialmente, na infraestrutura, no mobiliário urbano, na visibilidade ou invisibilidade de sujeitos, e simbolicamente, na forma como são tratados, nos discursos oficiais e na presença ou ausência de visibilização pública.

PROPOSTA DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA A PARTIR DE IMAGENS 360° DO *STREET VIEW*

Silva (2022) aponta que a sequência didática pode ser entendida como um conjunto de atividades e estratégias organizadas pelo professor com o intuito de atingir os objetivos de aprendizagem. As sequências didáticas possuem uma organização estruturada a partir de metodologias e procedimentos para lidar com diversos conceitos e temas. As atividades são elaboradas segundo uma lógica de compartilhamento e aprofundamento do conhecimento entre os alunos e com o professor. Algumas etapas devem estar presentes, como: 1) questionamentos e problematizações; 2) planejamento dos conteúdos; 3) objetivos a serem



atingidos; 4) materiais necessários; 5) organização dos estudantes; 6) produtos a serem entregues; 7) cronograma e a 8) forma de avaliação dos trabalhos.

É necessário destacar que a proposta de sequência didática é pensada para uma turma de 7º ano, mas pode ser facilmente adaptada e aplicada desde o 6º ano do Ensino Fundamental até o 3º ano do Ensino Médio, uma vez que nestas etapas escolares, o currículo prevê temas relacionados a cidade, espaço urbano, desigualdades e problemas socioambientais. Desta forma, a presente sequência didática tem como referência complementar a Situação de Aprendizagem 2 do Currículo Paulista, referente ao 1º bimestre do 7º ano do Ensino Fundamental, intitulada *“Paisagens, estereótipos e indicadores socioeconômicos das regiões brasileiras”*.

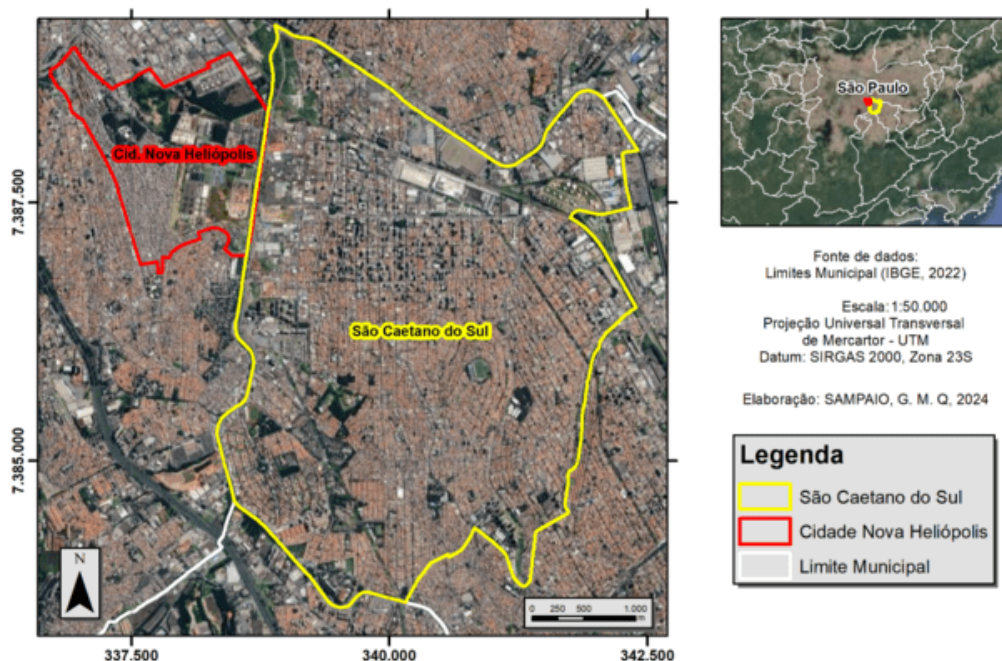
O material propõe uma comparação entre mapas de dois municípios: Melgaço no estado do Pará e São Caetano do Sul no estado de São Paulo. No entanto, os mapas disponibilizados pelo material não conseguem cumprir o papel de despertar interesse no leitor-aluno e muito menos proporcionar uma comparação atenta e qualitativa, resumindo a atividade em uma comparação numérica. Além disso, a comparação sem justificativa entre os municípios pode acabar reforçando preconceitos e estereótipos a respeito da Região Norte.

O que a atividade proposta “esconde” é que dentro da própria Região Metropolitana de São Paulo e das grandes cidades ditas “desenvolvidas” ou “sustentáveis”, existem determinadas populações com reduzida qualidade e expectativa de vida. Assim como o fato de que na região norte existem cidades com elevados nível no índice de Desenvolvimento Humano (IDH), como é o caso de Palmas (TO), Boa Vista (RR), Belém (PA), entre outros. A atividade “esconde” a cidade fragmentada e resume o raciocínio geográfico a uma comparação quantitativa de indicadores. É neste contexto que a sequência didática busca contribuir para o processo de ensino-aprendizagem crítico da cidade.

Buscando aproximar o conteúdo dos estudantes e evitar o reforço de estigmas da região norte, a sequência irá comparar duas localidades não apenas por meio de indicadores, mas por imagens 360º do *Street View*. Além disso, a comparação será entre localidades limítrofes. O intuito é compreender que as contradições socioeconômicas é uma condição inerente ao sistema econômico vigente e perceber que até mesmo ao lado de cidades “vendidas” como “a melhor cidade do Brasil para se viver” existem condições adversas, como é o caso de São Caetano do Sul e do bairro de São Paulo Cidade Nova Heliópolis (Figura 9), duas realidades opostas separadas por poucos metros e que será utilizado como exemplo.



Figura 9 – Mapa de localização do Bairro Cidade Nova Heliópolis em São Paulo (SP) e município de São Caetano do Sul (SP)



Fonte: Elaboração própria (2024)

Dessa forma, a sequência didática está organizada em quatro aulas de **45 minutos** divididas em três momentos:

- 1) Preparando o terreno (1 aula):** A primeira etapa é dedicada para que o professor realize a organização da atividade e dos estudantes. Para iniciar, o professor poderá partir da própria leitura indicada no material e comparar o município de São Caetano do Sul com o município de Melgaço. O objetivo não é abdicar o material proposto, mas sim superá-lo juntamente com os estudantes. Após as comparações propostas, o professor poderá realizar perguntas sensibilizadoras que iniciarão debates com a turma, como: Vocês acham que precisamos ir tão longe para perceber grandes diferenças socioeconômicas? É possível verificar essas diferenças em localidades próximas? Vocês já viram algum exemplo disso na cidade de vocês ou em locais que visitaram? É possível que na região norte também existam cidades ou bairros com altos indicadores socioeconômicos? E é possível que na região sudeste também existam cidades ou bairros com baixos indicadores socioeconômicos? Após as discussões, o professor irá dividir a turma em grupos de três a quatro pessoas para que realizem a atividade prática. O material necessário para a realização da atividade é um celular com acesso à *internet* e as ferramentas online serão a ferramenta de busca do *Google*, *Google Maps*, *Google Street View* e o aplicativo *Canva*.
- 2) Erguendo as paredes (2 aulas):** Os grupos deverão pesquisar exemplos de localidades vizinhas, mas com grande desigualdade socioeconômica em qualquer região do Brasil. Para isso, é possível realizar uma exploração pelas imagens de



satélite do *Google Maps*, procurando regiões urbanizadas altamente arborizadas, com piscinas e casas espaçadas ao lado de regiões densamente urbanizadas, mas com pouca arborização e disponibilidade de serviços de lazer. Após escolher o recorte espacial, os grupos devem “navegar” por dentro dos mapas pela ferramenta do *Street View*, e registrar as imagens (*print screen*) do que for mais marcante, afim de estabelecer comparações entre as duas localidades. Após essa etapa, visando incentivar o raciocínio geográfico, os estudantes devem se perguntar “Qual o motivo dessa grande diferença entre as paisagens urbanas?” e realizar pesquisas de notícias sobre as localidades. O papel do professor como orientador nesse processo é fundamental, mostrando as fontes confiáveis, auxiliando na interpretação dos fatos e relacionando conceitos da ciência geográfica com o que é observado. Após os registros das imagens do *Street View* e as notícias estarem organizadas, a equipe deve preparar uma apresentação no *Canva*, contendo as imagens e os principais aspectos histórico-geográficos aprendidos durante a pesquisa.

- 3) **Realizando os acabamentos (1 aula):** O último momento é dedicado para a socialização dos trabalhos entre a turma. A ideia é que os trabalhos sejam plurais, comparando diferentes situações em localidades próximas e discutindo as causas e consequências para que isso ocorra. O projeto final é a sintetização do trabalho em um cartaz, comparando duas imagens trabalhadas com o intuito de expor nos corredores da escola (exemplo: Figura 10). O professor deve realizar um fechamento, retomando o processo de urbanização desigual e a fragmentação socioespacial. Como finalização em sala, o professor pode realizar uma explanação sobre políticas públicas que busquem mitigar os efeitos dessa realidade urbana injusta, presente no território brasileiro.

Figura 10 – Exemplo de cartaz utilizando imagens do *Street View*



Fonte: Elaborado pelo autor com imagens do *Google Street View*, 2024.

O cartaz possui o intuito de sintetizar e escancarar a diferença da paisagem urbana entre dois locais vizinhos. Além das imagens, recomenda-se colocar o nome das localidades e



algun texto que chame a atenção do leitor guiando-o para uma leitura crítica. A organização do que foi observado no *Street View* para o formato de cartaz, exige dos alunos criatividade e imaginação. Por fim, os cartazes podem ser impressos e expostos nos corredores da escola acompanhado de um pequeno texto explicativo.

Apesar do potencial didático do Google *Street View* para o ensino da cidade, é importante reconhecer suas limitações. A ferramenta permite visualizar as paisagens urbanas e compreender diferenças socioespaciais, mas não substitui a experiência do contato direto com o espaço geográfico. Elementos como a percepção de sons, cheiros, mobilidade, interação social e a dinâmica cotidiana das localidades não podem ser capturados integralmente por imagens virtuais. Além disso, o *Street View* pode apresentar desatualizações temporais, ângulos limitados ou ausência de cobertura em determinadas áreas, o que exige cautela na interpretação dos dados visuais. Dessa forma, recomenda-se que seu uso seja complementado por outras estratégias, como trabalhos de campo, entrevistas, análise de notícias e dados oficiais, permitindo uma leitura mais crítica e contextualizada do espaço urbano.

A sequência didática proposta também apresenta flexibilidade para ser adaptada em escolas com estrutura limitada. Para turmas sem acesso a dispositivos individuais ou à internet, é possível realizar a atividade por meio de projeção coletiva em sala de aula ou utilizando mapas impressos, fotografias e notícias locais. O foco pedagógico deve permanecer na comparação de realidades urbanas próximas, incentivando o raciocínio geográfico e a percepção crítica sobre desigualdades e fragmentação socioespacial, mesmo quando a tecnologia disponível é reduzida. Além disso, atividades de socialização dos resultados podem ser realizadas em formato de cartazes ou painéis, valorizando a criatividade dos estudantes e possibilitando a exposição do conhecimento produzido de maneira acessível pelos corredores da escola.

Assim, mesmo com suas limitações, o *Street View* funciona como um recurso valioso quando integrado a uma variedade de estratégias pedagógicas, promovendo um ensino da cidade que vai além da mera observação de imagens, estimulando a análise crítica, a reflexão sobre processos históricos e socioeconômicos, e a apropriação do espaço pelos estudantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo buscou realizar uma articulação dos debates entre a Geografia Urbana, o Ensino de Geografia e a utilização do *Street View* como ferramenta didático-pedagógica. Por meio dessa ferramenta, é possível não apenas visualizar as paisagens urbanas em sala de aula, mas também acompanhar as mudanças que ocorrem no espaço geográfico ao longo do tempo. Como exemplo desse potencial, apresenta-se a utilização das imagens da Praça Princesa Isabel, situada no bairro Campos Elíseos, na região central de São Paulo, marcada pela presença de pessoas em situação de rua no contexto de dispersão da chamada Cracolândia.

O ensino da cidade nas aulas de Geografia na rede pública do estado de São Paulo é pouco abordado e muitas vezes desconsiderado como um aporte relevante nas discussões sobre as expressões geográficas – lugar, paisagem e território. Conforme apontamos nesta investigação, das 122 vezes que o tema cidade aparece no Currículo Paulista, 116 vezes (95,08%) é associado à categoria de concepção tradicional e apenas 6 vezes (4,92%) está relacionado com a concepção crítica. Tal panorama, evidencia a falta de oportunidade que o estudante possui de entender o próprio espaço (lugar) em que está inserido. Nesse contexto,



foi proposta uma sequência didática utilizando o *Street View* buscando aproximar o conteúdo dos estudantes e refletir criticamente sobre o espaço urbano, comparando paisagens vizinhas, mas com realidades opostas: Cidade Nova Heliópolis, um bairro em São Paulo (SP) e São Caetano do Sul (SP).

Acredita-se que essa interface entre a leitura crítica da cidade e o espaço escolar podem ser explorados, uma vez que os estudantes necessitam ser instigados a realizarem a leitura de mundo, no qual os façam perceber as injustiças sociais e os processos históricos, que se manifestam no espaço fragmentado e vivenciado em seus cotidianos. O *Street View* pode ser utilizado para compreender os “sintomas” dessa cidade fragmentada, possibilitando a visualização da arquitetura hostil e aporofóbica, o surgimento de condomínios fechados, os processos de higienização da cidade e as grandes diferenças de infraestrutura entre localidades próximas. As chamadas “viaturas da nova cidade” como tratores esteira e retroescavadeiras estão presentes em milhares de imagens, evidenciando as constantes metamorfoses do espaço habitado.

Desta forma, é necessário fomentar pesquisas relacionadas ao ensino sobre a cidade, objetivando contribuir para o processo formativo de educadores e educandos, assim como na adoção de dispositivos didáticos nos quais possam oportunizar a compreensão dos processos espaciais e tensionar debates na área de Geografia Urbana para a área do ensino de Geografia. O ensino e pesquisa sobre a cidade, portanto, aparece como uma das possibilidades para que coletivamente haja uma transformação e apropriação do espaço urbano pela sociedade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa de mestrado que possibilitou a investigação e produção do presente artigo.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, L. **Análise do conteúdo**. Tradução Luís Antero Reto; Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. A metrópole de São Paulo no contexto da urbanização contemporânea. **Estudos avançados**, v. 23, p. 303-314, 2009.
- CAVALCANTI, Lana. de Souza. Aprender sobre a cidade: a geografia urbana brasileira e a formação de jovens escolares. *Revista Geográfica de América Central*, v. 2, p. 1-18, 2011.
- CORRÊA, Roberto Lobato et al. **O espaço urbano**. Ática, 1989.
- DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DOS SANTOS, Tatiana Nilson. PROPOSTA DE UTILIZAÇÃO DO GOOGLE STREET VIEW NA DISCIPLINA DE HISTÓRIA NO ENSINO MÉDIO. **SPPI 2015**.
- FREISLEBEN, Alcimar Paulo. Como usar de forma criativa o Google Earth, Maps, Street View e desenhos manuais de mapas nas aulas de cartografia. **Para Onde!?**, v. 8, n. 2, p. 147-153, 2014.
- GOMES, Jeferson Oliveira; TRINDADE, Lidiane Sousa. TECNOLOGIA NA APRENDIZAGEM: A UTILIZAÇÃO DO GOOGLE MAPS, GOOGLE EARTH E GOOGLE STREET VIEW NO ENSINO DE GEOGRAFIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA. **Seminário Nacional e Seminário Internacional Políticas Públicas, Gestão e Práxis Educacional**, v. 7, n. 7, 2020.
- GOMES, Paulo C. da C. **Quadros Geográficos: uma forma de ver, uma forma de pensar**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2017.



- GRIEW, Pippa et al. Developing and testing a street audit tool using Google Street View to measure environmental supportiveness for physical activity. **International Journal of Behavioral Nutrition and Physical Activity**, v. 10, p. 1-7, 2013.
- LANCELLOTTI, J. R. et al. Arquitetura hostil e aporofobia. **PIXO-Revista de Arquitetura, Cidade e Contemporaneidade**, v. 7, n. 24, 2023.
- LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Editora Moraes, 1991.
- LEGROUX, Jean. A lógica urbana fragmentária: delimitar o conceito de fragmentação socioespacial. **Revista Caminhos de Geografia**. Uberlândia-MG, v. 22, n. 81, p. 235-248, 2021
- MELO, Mônica; RIVELLI, João Vítor Ferreira. Cracolândia e aporofobia. **Periódicos Eletrônicos UFMA**, 2023.
- MÉHEUT, M. Ferramentas de sequências de ensino-aprendizagem para aprendizagem e / ou pesquisa. Em: BOERSMA, K. et al. (Ed.). **Pesquisa e qualidade do ensino de ciências**. Dordrecht: Springer, 2005. p. 195-207.
- MENEGUETTE, Arlete Aparecida Correia. Geovisualização: exercícios práticos em sala de aula. **Revista Brasileira de Cartografia**, v. 66, n. 4, p. 831-841, 2014.
- MOREIRA, Ruy. A Geografia serve para desvendar máscaras sociais. In: Geografia: teoria e crítica. Petrópolis, Vozes, 1982.
- RUI, Taniele. Fluxos de uma territorialidade: duas décadas de “cracolândia”(1995-2014). **Pluralidade urbana em São Paulo: vulnerabilidade, marginalidade, ativismos sociais**. São Paulo: Editora, v. 34, p. 225-248, 2016.
- RZOTKIEWICZ, Amanda et al. Systematic review of the use of Google Street View in health research: Major themes, strengths, weaknesses and possibilities for future research. **Health & place**, v. 52, p. 240-246, 2018.
- SAMPAIO, Gabriel Martins de Queiroz. O ensino da cidade contemporânea: a fragmentação socioespacial no currículo paulista. **Anais do Encontro Regional de Ensino de Geografia**, p. 146-156, 2023.
- SERPA, Angelo. Diversidade e desigualdade em um contexto de fragmentação socioespacial: avanços e recuos. **Ateliê Geográfico**, v. 12, n. 2, p. 22-38, 2018.
- SILVA, Gabriel Oliveira de. **Gentrificação e higienização social: um estudo de caso acerca do desvirtuamento do instituto da desapropriação**. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Direito), Faculdade Baiana de Direito. Salvador, 2024.
- SILVA, Obédia Oliveira da. **Sequência didática mediada pela pesquisa discente: construindo conhecimentos geográficos locais**. 2022. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
- SPOSITO, Eliseu Savério; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. Fragmentação socioespacial. **Mercator (Fortaleza)**, v. 19, 2020.
- TORII, Akihiko; HAVLENA, Michal; PAJDLA, Tomáš. From google street view to 3d city models. In: **2009 IEEE 12th international conference on computer vision workshops, ICCV Workshops**. IEEE, 2009. p. 2188-2195.
- VANDEVIVER, Christophe. Applying google maps and google street view in criminological research. **Crime Science**, v. 3, p. 1-16, 2014.